

## EM LINGUÍSTICA APLICADA (PARA “CORTAR”), UMA GEOGRAFIA DISCURSIVA (EM ATITUDES CU-IR/QUEER): NO SERTÃO, UM LOTEAMENTO PARA A FAMÍLIA JOVEM, BRANCA E CIS-HÉTERO?

Ismar Inácio dos SANTOS FILHO

*Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão*

### Resumo

A Linguística Aplicada é uma área de conhecimento nos estudos em linguagem e vida social que sempre se problematiza, de modo a interrogar suas ancoragens e proposições (teórico-conceituais e metodológicas) e suas práticas de pesquisa, que se querem situadas. Nesse interesse epistemológico, no Gelasal orientamo-nos por uma Linguística Aplicada para “cortar”, a partir da provocação de Santos Filho (2023), e estudamos sobre/em uma “Geografia discursiva”, em reflexões acerca da interface linguagem e território, investigando enunciados do cotidiano. Então, objetivamos questionar a produção enunciativo-discursiva de espaços-sujeitos, também sob uma postura afetada por, e inspirada em, teorizações cu-ir/queer, em Linguística Queer, tomadas como pesquisas de revide. Visamos, assim, dessacralizar e transgredir – cu-irizar – os estudos em linguagem e a vida social. Neste artigo (uma modulação da palestra de mesmo título realizada no 20º SePLA), abordo esse cenário de reflexões, que se dão do mesmo modo em curtos-circuitos, em choques, com a Historiografia dos Espaços e com a Arquitetura e Urbanismo, dentre outras áreas, a exemplo da Geografia Feminista e Queer. Na discussão, interrogo uma cena enunciativo-discursiva imobiliária publicizada no sertão alagoano (como procedimento metodológico), em que para a *venda de terrenos* em um loteamento imobiliário é realizada a *venda da felicidade*, a partir da imagem de um casal cisheterossexual, jovem e branco. Problematizo a relação enunciado-ideologia-espaços-sujeitos. Ironicamente, questiono: “Esse é o modelo de família brasileira, sertaneja?” Por fim (para as considerações), indago: Quais as contribuições (possíveis e necessárias) dessas pesquisas em Linguística Aplicada para des-aprendizagens, cortes e (re)imaginações de outros sertões-sujeitos?

**Palavras-chave:** Geografia discursiva; Postura cu-ir/queer; Cidade sertaneja; Outdoor; Família cis-heterossexual.

*IN APPLIED LINGUISTICS (TO “CUT”), A DISCURSIVE  
GEOGRAPHY (IN CU-IR/QUEER ATTITUDES): IN SERTÃO,  
REURBANIZATION FOR THE YOUNG, WHITE AND CIS-  
STRAIGHT FAMILY?*

**Abstract**

*Applied Linguistics is an area of knowledge in studies on language and social life that always problematizes itself, in order to question its theoretical-conceptual and methodological anchors and propositions and its research practices, which seek to be situated. In this epistemological interest, at Gelasal, we are guided by an Applied Linguistics to “cut”, based on the provocation of Santos Filho (2023), and we study about/in a “Discursive Geography”, in reflections on the interface between language and territory, investigating statements from everyday life. Thus, we aim to question the enunciative-discursive production of spaces-subjects, also from a stance affected by, and inspired by, cu-ir/queer theorizations, in Queer Linguistics, taken as retaliatory research. We thus aim to desacralize and transgress – cu-irize – studies on language and social life. In this essay (a modification of the lecture of the same title given at the 20th SePLA), I discuss this scenario of reflections, which clash in the same way with the Historiography of Spaces and with Architecture and Urbanism, among other areas, such as Feminist and Queer Geography. In the discussion, I question a billboard published in the sertão of Alagoas (as a methodological procedure), in which, for the sale of real estate lots, the sale of happiness is carried out, based on the image of a young, white, cisheterosexual couple. I problematize the relationship between enunciation-ideology-spaces-subjects. Ironically, I ask: “Is this the model of a Brazilian family or a family from the sertão?” Finally (for considerations), I ask: What are the contributions (possible and necessary) of these studies in Applied Linguistics for the unlearning, cuts and (re)imagining of other sertões-subjects?*

**Keywords:** *Discursive geography; Cu-ir/queer stance; City of Sertão”; Outdoor; Cis-heterosexual family.*

*EN LINGÜÍSTICA APLICADA (PARA “CORTAR”), UNA  
GEOGRAFÍA DISCURSIVA (EN ACTITUDES CU-IR/QUEER): EN  
EL “SERTÃO”, ¿REURBANIZACIÓN PARA LA FAMILIA JOVEN,  
BLANCA Y HETERO?*

**Resumen**

*La Lingüística Aplicada es un área del conocimiento en los estudios del lenguaje y de la vida social que siempre es problematizada, con el fin de interrogar sus anclajes y*

*proposiciones teórico-conceptuales y metodológicos y sus prácticas de investigación, que son vistas como contextualizadas. En este interés epistemológico, en Gelasal, nos guiamos por una Lingüística Aplicada al “corte”, a partir de la provocación de Santos Filho (2023), y estudiamos sobre/en una “Geografía discursiva”, en reflexiones sobre el vínculo lenguaje y territorio, investigando textos cotidianos. Por lo tanto, pretendemos cuestionar la producción enunciativo-discursiva de los espacios-sujetos, también desde una postura afectada e inspirada por las teorizaciones cu-ir/queer, en la Lingüística Queer, tomada como investigación que confronta. De este modo pretendemos desacralizar y transgredir – cuirizar – los estudios del lenguaje y la vida social. En este texto (una modulación de la conferencia del mismo título celebrada en el XX SePLA), abordo este escenario de reflexiones, que se dan igualmente en cortocircuitos, en choques, con la Historiografía de los Espacios y con la Arquitectura y el Urbanismo, entre otras áreas, como Geografía Feminista y Queer. En la discusión, interrogo un anuncio inmobiliario publicado en el sertão de Alagoas (como procedimiento metodológico), en el que para la venta de terrenos se realiza la venta de la felicidad, a partir de la imagen de una pareja cisheterosexual, joven y blanca. Problematizo la relación entre enunciado-ideología-espacios-sujetos. Irónicamente, pregunto: “¿Es este el modelo de familia brasileño o el modelo del sertão del país?” Finalmente (a modo de consideraciones), pregunto: ¿Cuáles son las contribuciones (posibles y necesarias) de esta investigación en Lingüística Aplicada al desaprendizaje, cortes y (re)imaginaciones de otros sertões-sujetos?*

**Palabras-clave:** *Geografía discursiva; Postura cu-ir/queer; Ciudad del “sertão”; Outdoor; Familia cis-heterosexual.*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Conforme já anunciei no Resumo, este texto é uma modulação da palestra de mesmo título ministrada no “20º Seminário de Pesquisa em Linguística Aplicada”, ocorrido em junho deste ano, disponibilizada no Youtube, com acesso em <https://www.youtube.com/watch?v=rthFojBZrsg&t=3161s>. Assim, inicialmente expressei o meu agradecimento à organização desse evento pelo convite para a participação nessa atividade acadêmica que põe em discussão a Linguística Aplicada (doravante LA) em relação, na contemporaneidade, com os Estudos Decoloniais e os Estudos Queer. Enfatizo que o convite foi recebido com bastante entusiasmo, por ser uma possibilidade de expor um pouco as reflexões que o Grupo de Estudos em Linguística Aplicada/Queer em Questões do Sertão Alagoano (doravante Gelasal) tem realizado há pelo menos uma década (na Universidade Federal de Alagoas (UFAL)) e, assim, poder contribuir (de alguma maneira) com a temática posta em debate naquele seminário.

Em relação a mim, destaco que estou em @ismarinacio. Sou docente no curso de Letras-Língua Portuguesa (Ufal-Campus do Sertão), *campus* situado no alto sertão alagoano, sou docente no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (na linha de pesquisa Linguística Aplicada), também na UFAL, e Coordenador-líder do Gelasal. Reconheço-me no pronome pessoal masculino *Ele*, quando do processo de referenciação, à terceira pessoa do singular. É importante também assinalar que sou um homem pardo, de 50 anos (completados recentemente), vivendo em uma relação de união estável homo e nordestino, vivendo no sertão do Estado de Alagoas – na cidade de Delmiro Gouveia, uma pequena cidade interiorana. Nessa configuração, e como pesquisador, estou interessado em refletir e problematizar a relação linguagem e território, o que inclui a problematização da interface linguagem, sujeitos-espacos-tempos, que por sua vez inclui pensar sujeitos-corpos em gênero e sexualidade, e nos últimos tempos, de modo ainda incipiente, em imbricamentos com raça/etnia.

Ao mencionar esses aspectos a meu respeito, cabe uma observação: faço as ênfases que fiz como uma atitude acadêmica no meu fazer Linguística Aplicada/Queer. Entretanto, esse gesto não diz de um determinismo (e não diz igualmente que me refiro ao termo-conceito “lugar de fala”, tal como a expressão tem sido massivamente mobilizada). Diferentemente, essas notas pontuam os meus interesses e os investimentos acadêmicos (teóricos-conceituais), como um corpo nordestino-pardo-gay (como docente-doutor que possui atualmente determinados privilégios), e que é um corpo afetado por diversas nuances-experiências da vida e que a elas reage, com reflexões que se querem acadêmico-críticas, que se querem de revide, *cu-ir/queer*. No entanto, os possíveis atuais privilégios advindos da formação acadêmica, do trabalho e de uma condição financeira provável não apagam as violências de diversas ordens já sofridas, tampouco me retiram da mira de agressões cotidianas, sejam microagressões verbo-semióticas psicológicas e emocionais, sejam agressões físicas, por ser homem-senhor-viado, vivendo no alto sertão alagoano, especificamente.

Ou seja, essa minha atitude na palestra (e agora, nesta escrita) é um aviso de que a discussão acadêmica que realizo não se quer imparcial, neutra, objetiva (nos parâmetros cartesiano-positivistas). É um alerta de que essa consideração marca um fazer acadêmico parcial e necessariamente dependente das minhas escolhas teórico-metodológicas. O meu fazer LA, então, parte de uma trama de vozes, que se quer

situada, e sobre práticas enunciativo-discursivas situadas, possíveis a mim. Logo, pressupõe que noutra trama, de outras pessoas acadêmicas, as considerações serão outras, porque são outros os pontos de mobilização, afetações e outras reações. Essas ponderações iniciais já são úteis para adentrarmos ao título deste texto e ao recorte realizado para tratar de estudos em LA, em debate a partir de uma LA (para “cortar”), conforme a provocação de Santos Filho (2023), sobre uma Geografia discursiva (*em atitudes cu-ir/queer*), de modo a tratar sobre linguagem e território, linguagem, propaganda/venda imobiliária (de um loteamento) e a produção de sujeitos-espacos.

Dada essa apresentação, e os esclarecimento sobre o título e a tematização empreendida, especificamente sua correlação de aspectos teórico-conceituais, o objetivo deste texto é abordar a trama de reflexões, que tem sido costurada no Gelasal, em projetos de pesquisa no curso de Letras e no PPGLL-UFAL, com interesses no desenvolvimento de uma Geografia discursiva (*em atitudes queer/cu-ir*). Para contribuir com essa abordagem, teço de modo ilustrativo, como procedimento metodológico, interrogações a uma cena enunciativo-imobiliária (publicizada na pequena cidade Delmiro Gouveia, AL, no sertão do estado), na Figura 1, abaixo. Essa cena enunciativo-imobiliária, a que me refiro, é um *outdoor*, que publiciza um loteamento, fixado em via pública na área central da cidade sertaneja já mencionada, no final de 2022. Ao interrogar esse enunciado publicitário, pretendo que se torne mais “palpável” a ideia de uma “Geografia discursiva” como um fazer pesquisa em LA, em atitudes *cu-ir/queer*.

**Figura 1** – *Outdoor* do “Vila da Pedra” (“Felicidade não se compra, mas se constrói...”).



Fonte: Arquivo do autor (2022).

Para esse feito, perpassarei por duas etapas, denominadas de “Por uma linguística aplicada (para cortar)” e “Geografia discursiva (em atitudes cu-ir/queer)”, nas quais reflito sobre a proposta de estudo já anunciada, desde o título desta escrita. e por último deixarei um questionamento, como considerações finais. Na segunda parte, em 2.1, realizo a análise. Para o estudo, dialogo Albuquerque Jr. (2008; 2012; 2020; 2021a; 2021b), Butler, (2015; 2018; 2024), Pennycook (1998; 2006), Kern (2021), Louro (2007), Brait (2023), dentre outros estudos.

## **1.LINGUÍSTICA APLICADA (PARA CORTAR)**

Para discutir a respeito de uma LA (para cortar), a partir de Santos Filho (2023), recordo duas situações acadêmicas, que se correlacionam, e uma publicação, decorrente delas. Em 2022, em discussões sobre metodologia de pesquisa nos estudos em linguagem, em aulas, ao falarmos de LA, um questionamento que expressava surpresa ecoou o espaço, qual seja, “Mas a Linguística Aplicada já não é em si crítica?”. Chamo a atenção para essa fala, porque pode ser de grande relevância para pensarmos o fazer LA, quando considerarmos que essa pergunta-retórica marca uma expressão de surpresa, ou de garantia de sentidos, partindo do pressuposto de que qualquer estudo que se nomeie de LA é por si só crítico. É uma noção que pode negligenciar considerações/problematizações acerca dos sentidos de crítico/crítica e também dos processos de fazer pesquisa (em LA).

A pergunta-surpresa mencionada também é oportuna para que nos questionemos sobre as diferentes nomeações que a LA recebe, a exemplo de “LA disciplinar”, “LA interdisciplinar”, “LA multidisciplinar”, “LA transdisciplinar”, “LA antidisciplinar”, “LA indisciplinar”, “LA normal”, “LA moderna”, “LA pós-moderna”, “LA contemporânea”, “LA decolonial” e “LA (trans)viada”, dentre tantas outras, de modo a interrogarmos qual o grande objetivo dessa área dos estudos em linguagem: O que queremos/desenvolvemos ao fazer LA? Em decorrência dessa situação, propus, um ano depois, em 2023, uma disciplina no PPGLL-FALE-UFAL, para refletirmos sobre o fazer LA, com base em uma leitura possível sobre LA crítico-transgressiva (e subversiva), em consonância com a ementa geral da disciplina ofertada, visando atacar inquirições como as efetivadas no fato anteriormente narrado.

Com esse intento, em estudos no PPGLL (UFAL), estabelecemos inicialmente diálogos com Pennycook (1998; 2006), em textos em língua portuguesa, publicados em coletâneas clássicas em nosso país, quais sejam, uma sob a organização de Inês Signorini e Marilda Cavalcanti e outra sob a organização de Luiz Paulo da Moita Lopes, os livros “Linguística Aplicada Transdisciplinar” e “Por uma linguística aplicada indisciplinar”. Nos referidos ensaios, o pesquisador considera que uma LA crítico-transgressiva (e subversiva) necessita ser mais sensível às questões sociais [às relações de poder e às iniquidades/desigualdades sociais], mais sensível às coerções sociais [físicas e ideológicas], que são cada vez mais sofisticadas e mais sensível às disputas de significados. Em atualização dessa ideia, diria, mobilizando Moita Lopes e Fabrício (2019), que essa LA, por esse linguista aplicado australiano, necessita ser mais sensível às perplexidades sociopolíticas, que são sociolinguísticas, ou enunciativo-discursivas. Ou, conforme Brait (2023), uma LA sensível à dura vida como ela é.

Pennycook (1998; 2006) ainda afirma que uma LA crítico-transgressiva (e subversiva) necessita estar para uma antidisciplina, que se configure como um modelo híbrido mais dinâmico, com caráter transdisciplinar, para a realização de atravessamentos e transgressões de fronteiras disciplinares (aqui poderíamos lembrar a ideia de área de choques e curtos-circuitos, de uma LA transdisciplinar e também indisciplinar, em Signorini (1998) e Moita Lopes (2006). Para o linguista aplicado australiano, essa LA discutida precisa se realizar como embates e questionamentos, tal como nas proposições de bell hooks e Michel Foucault, por exemplo.

Das ideias de bell hooks, em “Ensinar a transgredir...”, uma delas pode ser importante para pensar o fazer pesquisa em LA, nos termos aqui propostos. Ao discutir sobre aprender e educar, hooks (2017) diz que se deu conta de que o conhecimento na universidade era pura informação. Essa sua afirmação se dá porque, antes do ingresso na universidade, e ainda quando não havia a integração racial, o estudar e o aprender para ela estavam para o prazer, para o êxtase e para o perigo. Então, para ela,

De repente, **o conhecimento passou a se resumir à pura informação**. Não tinha relação com o modo de viver e de se comportar. Já não tinha ligação com a luta antirracista. Levados de ônibus a escolas de brancos, logo aprendemos que o que se esperava de nós era a obediência, não o desejo ardente de aprender. [negrito meu] (hooks, 2017, p. 12).

Logo, ao mobilizar essas ideias, para Pennycook (1998; 2006), então, uma LA crítico-transgressiva não está, não deve estar, para produzir simples informação, explicações, esclarecimentos. Nessa mesma inclinação epistemológica, explicitamente a partir de uma paráfrase, esse linguista cita Michel Foucault, ao dizer

(...) acho que precisamos encontrar os meios de lidar com as questões de poder da maneira como elas foram desenvolvidas por pensadores como Foucault, a fim de que possamos **não só compreender, mas também tentar mudar as desigualdades** [negrito meu] (Pennycook, 1998, p. 42).

Nesse sentido, ao mobilizar o filósofo-historiador Michel Foucault, o linguista aponta que a LA a que se refere não pode ser apenas para “compreender”, mas para “tentar mudar as desigualdades”. No entanto, quais os pressupostos de tal afirmação pelo filósofo francês? Em seu texto “Nietzsche, genealogia e a história”, de 1979, Michel Foucault defende que o saber, que a produção científica, não está para o “compreender”, porque, conforme alega, saber é feito para “**cortar**”. Portanto, interrogamo-nos acerca do o que é o “compreender” e o que significa também o “para cortar”. Foucault (1979) argumenta que a abordagem genealógica na produção do conhecimento se opõe à pesquisa de “origem”, de essências, de verdades universais, ou de “identidade primária”, mobilizando aqui estudos da virada performativa, a exemplo dos de Judith Butler.

Para Foucault (1979), a abordagem genealógica entende que o que denominamos de “essência” é construída peça a peça. E, assim, a produção de saber deve visar despedaçar o que permite esse jogo, segundo o reconhecemos. Logo, nessa perspectiva, o saber não significa “reencontrar”, ou “reencontrarmo-nos”, numa perspectiva linear da história e do saber. Para Michel Foucault, nesses parâmetros, uma História (efetiva) objetiva espreitar os acontecimentos e apreender seu entorno. Assim, é uma LA nos parâmetros discutidos por Pennycook (1998; 2006)?

Nessa linha de vozes, em nossos estudos fomos a Albuquerque Jr. (2021a), quando ministra uma conferência/entrevista sobre a noção de que “o saber é feito para cortar”, sob os fundamentos de Michel Foucault. Para esse historiador, sob a filosofia-história do filósofo francês, o “compreender” está para o “racionalizar”, para o “explicar”, em uma abordagem em que o pensamento e o sentimento, o corpo, estão separados, sob os ideais ocidentalistas-modernos. Exemplifica que, de acordo com essa postura,



as guerras, as violências, quando racionalizadas são justificadas, e, desse modo, escondidas, porque são narradas a partir das relações de causalidade: causas econômicas, políticas. Nesse sentido, para ele, nesse aspecto, ao apenas compreender/racionalizar tiramos a capacidade de corte do saber, sua capacidade de incomodar, de ferir sensibilidades e consciências.

Segundo Albuquerque Jr. (2021a), as guerras devem ser estudadas para ferir, provocar incômodo, provocar a quem lê e provocar a sensibilidade, a subjetividade, o pensamento e o sentimento. Entende, desse modo, que o pensamento/o saber é produto de uma afecção do mundo sobre os corpos, que reagem. Nesses parâmetros, “cortar” é ferir, provocar incômodo, mexer com a sensibilidade, com a subjetividade, mobilizar/mover o sentimento e o pensamento, impactar, tocar, emocionar, disparar coisas importantes, irritar, fascinar, ironizar, fazer rir, provocar choques, desacostumar, desnaturalizar, transgredir, criar belas imagens (ser estético), desmanchar cenas, dispersar, transfigurar, transvalorizar, desfiar, desencaminhar, criticar, pôr as certezas em crise, ser perigoso(a), tal como é possível depreender e sentir a partir da fala de Albuquerque Jr. (2021a). Se for possível visualizarmos em um esquema, sob o prisma de uma amálgama<sup>1</sup>, podemos ter a seguinte configuração:

---

<sup>1</sup> Em Santos Filho (2023), mesmo que ao resenhar as ideias de Albuquerque Jr. (2021a) tenha mencionado que entre os verbos-ações que marcam a produção do conhecimento (os para “compreender” e os para “cortar”), não há um estado de oposição, porque seria uma contraposição apenas entre aspas (“oposição”), ao construir um quadro que aponta para esses verbos foi gerada uma ideia de *oppositione*. Então, mobilizar agora esse esquema, que remete para a mistura, é uma saída para fugirmos de uma postura mecanicista, dualista, cartesiano-positivista, no fazer ciência. Desse modo, pretendemos nos filiar à perspectiva de uma outra racionalidade, em que, de acordo com Albuquerque Jr. (2018), não prevaleça a visão racionalista, pois essa outra racionalidade está também pautada nas sensibilidades. Logo, não falamos, assim, de uma irracionalidade, quando corroboramos a premissa do “para cortar”.

**Figura 2** – Esquema que aponta para uma mistura entre os verbos-ações do fazer pesquisa para “compreender” e para “cortar”.



**Fonte:** Autor (2024).

O que seria, então, uma Linguística Aplicada para cortar, sob os pressupostos discutidos? Em Santos Filho (2023), com esse questionamento, resenhei a conversa de Albuquerque Jr. (2021), interessado em fazer uma **provocação** acadêmica, para voltarmos a pensar o fazer pesquisa em LA, em seu caráter antidisciplinar (crítico-transgressivo), nos parâmetros de Pennycook (1998; 2006), em diálogo com as ideias de Foucault (1979), como um aspecto do que é característica da área, sua auto-problematização, conforme já discuti na Introdução. Santos Filho (2023, p. 210), no tópico “Considerações e Des-aprendizagem...”, para finalizar, argumenta que na LA, “Precisamos de pesquisas que não sejam apenas doces, mas agridoces, que tenham doçura, mas, necessariamente, que tenham amargor, azedume, acidez”. Esse argumento está em direta relação com uma postura cu-ir/queer.

Com o filósofo-historiador-filósofo, com o historiador dos espaços e com o linguista australiano, é possível construirmos alguns aspectos que nos possibilitem uma LA (antidisciplinar [crítico-transgressiva]) que esteja para “cortar”. Nesse desejo, um dos primeiros princípios pode ser a ideia de que fazer pesquisa se dá como reação do corpo a uma afecção do mundo, em especial o mundo das iniquidades sociais, tal como o incômodo me causado pela cena discursiva imobiliária, aqui mobilizada para ser problematizada, que possivelmente ainda enuncie um “patriarcado de concreto”, tal como discutido por Alves (2024) e Kern (2021), na propaganda de venda de um

loteamento. Aqui, linkamos essa proposição às ideias de Moita Lopes e Fabrício (2019), quando afirmam a necessidade de uma proximidade crítica no fazer LA. Sendo afetados por essa ideia, visamos, no fazer LA (para cortar), também afetar, incomodar, visando provocar mudanças na vida social, de modo a atuarmos para disparar pensamentos, sentimentos e ações que transfigurem as “privações sofridas”, que (nos) agridem, violentam e mantam. Então, nossas pesquisas não podem ser apenas para compreender e explicar. Não podem ser apenas doces, normas.

Nessa perspectiva, uma LA para cortar preocupa-se também com a *forma*, com a escrita, entendendo que o estético é político. Assim, precisamos em nossas investigações produzir “textos-vida”, isto é, escritas que se efetivem para “pôr as certezas em crise” e nos colocar em crise. Em Santos Filho (2023), usei a expressão “texto-gente”, em direta mobilização com a fala de Albuquerque Jr. e as ideias de Michel Foucault. Não obstante, aqui prefiro fazer um ajuste na frase, tal como mencionada anteriormente, para marcar, em diálogo com Haraway (2021), que não podemos pensar “natureza” e “cultura” como polos opostos ou categoriais universais, visando fazer pensar e sentir que “O mundo é um nó em movimento” (Haraway, 2021). O intento é chamar a atenção para as “espécies companheiras”, não só para o humano. Nesses princípios, não podemos ter pudor, vergonha ou constrangimento. Assim, faz necessária a mobilização de cenas que possam afetar, impactar ou constranger, por exemplo, visando disparar ações, que impliquem em mudanças sociais. Nessa seara, construir imagens pode ser uma maneira de cortar, mesmo que sejam na estética do horror, do pavor, do medo, do pânico moral-sexual, da pornografia ou de mudanças sociais, ou de revide.

Um outro princípio diz respeito a nos atentarmos à ideia de que o *corpus* no estudo desenvolvido sempre se realiza por recortes, a partir dos quais geramos uma noção de conjunto, uma configuração, a partir do encadeamento de fios, numa dispersão. Ou seja, construímos o *corpus* como em um quebra-cabeça, como tecidos bem trançados. Portanto, o que temos de fato no *corpus* é a geração de um “monumento”, porque é esculpido pelo sujeito que pesquisa. Nos estudos no Gelasal, podemos articular essa perspectiva à noção de que os enunciados (as práticas discursivas) tomados para análise estão para um elo discursivo, tal como discute Volochinov (2018). Logo, a corrente da comunicação estabelecida para análise tem a

ver com os interesses e as possibilidades do(a) pesquisador(a), podendo sempre ser outra, podendo ser outro o *corpus*, forjado a partir da questão de pesquisa. Nessa proposta, a pesquisa, preocupada com a tematização do mundo (nos parâmetros enunciativo-discursivos) – e as perplexidades sociais – visa dispersar as cenas enunciativo-discursivas que são bem montadas para normatizar e ou subverter as relações sociais, preocupando-se, então, com a relação linguagem-ideologia. Podemos voltar à Figura 2, pois, no “para cortar”, faz-se importante nos inquietarmos também com os verbos-ações de/para nossos objetivos de investigação, preocupando-nos com uma LA pautada noutra racionalidade. Porém, não basta que substituamos os verbos, “compreender” por “transgredir”, por exemplo. Nessas considerações, não é suficiente nomear a LA de “crítica”, para que esteja sob uma postura epistemológica transgressiva. Sob esses fundamentos anteriormente discutidos, considerando a possibilidade de uma LA para cortar, desenvolvemos uma Geografia discursiva, reflexão realizada na sequência.

## **2. GEOGRAFIA DISCURSIVA (EM ATITUDES CU-IR/QUEER)**

Nessa provação à reflexão sobre o fazer pesquisa em LA, entendemos essa área nos estudos em linguagem como *antidisciplinar*, em perspectiva também *trans* e *indisciplinar*, como nas orientações de Signorini (1998) e Moita Lopes (2006), filiando-se às viradas performativa e espacial (Butler, 2018; Pennycook, 2016; Albuquerque Jr., 2008), nas quais partimos do pressuposto de que o “mundo” (em nossos interesses, uma região, uma cidade, um loteamento, por exemplo) não é um “referente”, isto é, não é um “mundo” a priori das práticas discursivas, mas, uma produção, uma invenção, nas nessas práticas. Sob essas considerações e os princípios discutidos no tópico anterior, partimos da ideia de que o grande objetivo da LA é produzir saberes para cortar, mais do que para “criar inteligibilidades sobre a vida social” (em um de seus objetivos bastante mencionados), pois, assim, recairia em apenas “compreender”.

Logo, se o nosso interesse no Gelasal é problematizar a interface linguagem e território, a amálgama “linguagem-espacos-tempos-sujeitos”, o nosso objetivo é impactar e ferir sensibilidades frente a normatizações do sertão/Nordeste, ou outros espaços, que se pautam no discurso de ódio, discurso de preconceito contra a origem

geográfica e de lugar (Albuquerque Jr., 2012), efetivando “fronteiras de discórdias”, e, da mesma maneira, provocar incômodos frente a normatizações de espaços urbanos sertanejos sob o patriarcado, em que os homens cis-heterossexuais, jovens e brancos ganham reconhecibilidade e validade, como é/parecer ser o caso do *outdoor* mobilizado para essa discussão. Mas, também, emocionar, frente a práticas que reinventam o mundo, subvertendo práticas que nos matam, resistindo.

Assim, passamos a compreender que os discursos são espacializantes, na perspectiva de que são as pessoas, em suas práticas discursivas, que inventam espaços, conforme Albuquerque Jr. (2008; 2020). Desse modo, como discutimos em Santos Filho e Santos (2024), nos enunciados construímos espaços, como “objeto-de-discurso”, entendendo que os enunciados são performativos, nos parâmetros de Butler (2018), prescritivos e normativos, porque inscrevem fantasias e normas, que podem ser incorporadas. Nesse dimensão performativa-espacial, o conteúdo semântico para os espaços incide sobre nós e sobre nossas relações com os espaços. Nas ideias de Albuquerque Jr. (2021b), narrativas, e as narrativas espacializante, têm “consequências”, no sentido de que, conforme Fabrício (2022), “Nosso ser é assim uma atividade”. Para essa linguista, nas redes de enunciados em que circulamos, os signos e discursos nos provocam, podendo nos disciplinar, instaurando “ilusões de realidade”. Entretanto, podem colocar sob desconfiança credos e certezas. Instauram “realidades” subjetivas e espaciais ou colocam tais “realidades” sob suspeitas, sob estranhamentos. Deste modo, os enunciados, nas diferentes esferas de comunicação, nos dão “lições” sobre e para o mundo e a vida, pois sempre estão para um “querer-dizer-fazer-ser”, de acordo com Antunes (2010) e Fabrício (2022), que incide sobre nós e os espaços.

Enunciados, nessa dimensão, são projetos performativos de mundos, sujeitos, corpos, gêneros, sexualidade, espaços e tempos. Ou seja, compreendemos, por exemplo, com Albuquerque Jr. (2021b), que o sertão/Nordeste não é um “solo firme”, “solo fixo”, como se já existisse enquanto um chão, um já-lá, como quis/quer uma geografia física determinista. Diferentemente, em diálogos com esse historiador, atuamos na compreensão de que a região Nordeste é um “solo movente”, pois está para um conteúdo semântico proposto nas práticas sociais, nas práticas enunciativo-discursivas. Na direção da virada espacial, compreendemos com Santos Filho e Rocha (2024), por exemplo, que uma cidade é também um solo movente, espaço entendido,

em diálogo com Sudjic (2016), como uma “profecia autorrealizável”, na dimensão da administração pública. Assim, os enunciados implicam na construção de espaços e na construção de espaços-tempos-sujeitos. Logo, para nossas reflexões, investigamos a relação enunciado-sujeitos-espaços (região/cidade).

Na realização de estudos sob essa denominação de uma “Geografia discursiva”, dialogamos com diferentes áreas do saber, tais como os estudos da Linguagem, Leitura enunciativo-discursiva, Linguística Textual, Gramática do design visual, estudos Geohistóricos, tal como a Historiografia dos espaços, e os estudos queer, em uma Linguística Queer, e uma Geografia feminista. Podemos citar também estudos da Arquitetura e urbanismo, dentre outros. Passemos ao estranhamento da cena.

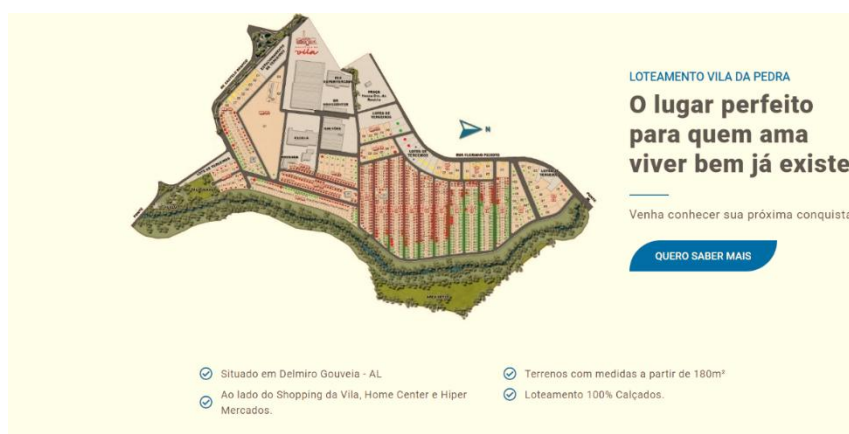
## 2. 1 “ESTRANHANDO” UMA CENA ENUNCIATIVO-DISCURSIVA IMOBILIÁRIA

Nesta etapa, em nossa trama de reflexões, chegamos ao ponto de interrogar a cena enunciativo-discursiva imobiliária mobilizada, como um estudo de Geografia discursiva, em uma LA para cortar, em uma abordagem metodológica sob as orientações de uma “leitura enunciativo-discursiva” (Santos Filho, 2012), como uma etnolinguística da fala viva, em Volochinov (2018), em uma perspectiva queer (Santos Filho, 2020). Nesse sentido, para nós, o “interrogar” está para o “estranhar”, uma das acepções para *cu-ir/queer*. Louro (2007), em um texto intitulado “O ‘estranhamento’ queer”, no qual discute sobre o processo de investigação que atende ao chamamento *cu-ir/queer*, traz o estranhamento como uma postura transviada, de revide. Para ela, estranhar, cuirizar, é se opor, contestar, pôr em questão a normalização. É “uma forma anti-normalizadora de viver, pensar e conhecer” (Louro, 2007). É incomodar-se, não se acostumar. Está para o “cortar”. Para esse estranhamento, essa *cu-irização*, não podemos perder de vista que o nosso interesse é na interface linguagem-território-sujeitos-espaços-tempos, tampouco podemos desconsiderar que esse estranhamento parte de um pesquisador/grupo de pesquisa que visa “desnaturalizar”, dropar, invenções semióticas de espaços-sujeitos.

Para esse feito, inicialmente é preciso que situemos a cena em seus contextos marco e microsocial. A prática discursiva a ser interrogada é um outdoor publicitário, do empreendimento “Vila da Pedra”, em Delmiro Gouveia (AL), divulgado em 2022, no

centro da referida cidade, que faz venda de lotes imobiliários, para um empreendimento que também está localizado na área central da cidade. Na *homepage* da empresa, o loteamento divulgado na peça publicitária é apresentado como “O lugar perfeito para quem ama viver bem...” (parece dizer que não há outro), assim como é enunciado como um loteamento bem centralizado, como podemos ver/ler na imagem na sequência, na Figura 3:

**Figura 3** – Recorte da apresentação do “Vila da Pedra”, no *site* da empresa.



**Fonte:** Vila da Pedra, com acesso em < <https://viladapedra.com.br/> >.

Assim, ao estranharmos a cena em questão, podemos dizer que temos uma cena enunciativo-discursiva imobiliária no Brasil pós-pandemia, país que, em relação ao aspecto contextual-histórico e às práticas sociais, está para uma situação de pânico moral-sexual. Logo, esse contexto brasileiro pode ser lido, a partir de Bento (2021), ao considerar a atuação do ex-presidente, e do bolsonarismo, como “uma experiência (coletiva) de dor”, em relação a diferentes dimensões da vida, mas, em específico no que se refere às relações e discussões sobre gênero e sexualidade. Conforme Butler (2024), sob um discurso conservador, no Brasil atual, os estudos e ativismos de gênero são equiparados a uma ideologia demoníaca. Para ela, em nosso país “o gênero (está) demonizado” (Butler, 2024). No contexto micro, temos uma cena em uma cidade pequena do sertão alagoano, uma cidade nordestina, Delmiro Gouveia, em Alagoas. Nesse aspecto, ao considerarmos a historiografia desses espaços (sertão/Nordeste), com Albuquerque Jr. (2021b), entendemos que esses espaços estão para um conceito, um mito, o das terras secas, da fome, da miséria, e o de que são terras que produzem o “cabra-macho”. Questionamo-nos: sob os pressupostos de uma abordagem

enunciativa, 'Que *respostas* essa cena dá a esse momento sócio-político em terras sertanejas?'

Em tais considerações gerais, ao nos voltarmos para o enunciado e sua materialidade textual, conforme Antunes (2010), temos uma leitura imediata possível, qual seja, a de que a tematização enunciada, a partir das pistas do encadeamento textual (verbo-visual), dá-se na relação venda de terreno, casa, felicidade, não erro e casal, quando temos a imagem central que nos “mostra” um homem, jovem, branco, que aparece na cena fotográfica da cintura para cima, vestindo uma camisa de manga longa, de um tecido que parece ser lã, de cor escura, e que esboça um leve sorriso, em frente a uma jovem mulher branca, que também expressa alegria pelo sorriso, ao tocar esse jovem com suas duas mãos, no pescoço e no rosto dele. Seus rostos estão bem próximos e se tocam por um beijo esquimó, ao encostarem as pontas dos narizes em demonstração de afeto. Essa cena verbo-visual tematiza possivelmente um casal cis-heterossexual que namora, ou que está em noivado, ou um casal de jovens recém-casados. O tecido da roupa dela também é escuro, em tons de terra, com flores (delicadas?) na mesma paleta de cores, ocre.

Essa cena de carinho público entre um homem e uma mulher, jovens e branco(a), tem como pano de fundo uma paisagem imediata de um loteamento, em que há terrenos (os lotes à venda?), sem residências, mas ruas já pavimentadas e postes de iluminação já instalados. A vegetação é rasteira e seca. No entanto, a vegetação que aparece fora dos limites do empreendimento imobiliário parece esverdeada. Esse enquadramento do loteamento-casal ocupa a centralidade do outdoor, tendo nos quadrantes i) a logomarca do “Vila da Pedra”, no canto superior esquerdo, ii) os dados de contato, no canto inferior esquerdo, iii) informações úteis à compra, no canto inferior direito, quais sejam, “Sem consulta serasa spc” e “Você poderá construir após 20% do pagamento do seu lote”, e, por fim, no canto superior direito, iv) duas informações linguísticas (que parecem se linkar diretamente aos sentidos propostos para o casal), a) “Felicidade não se compra, mas se constrói” e “Quem investe em terra não erra!”. Todas essas informações estão sob um fundo em tonalidades de azul. Veja a cena focalizada!



Figura 4 – *Outdoor* do Vila da Pedra focalizado.



Fonte: Vila da Pedra (2022).

Assim, foram possíveis algumas questões iniciais, factíveis a partir da posição aqui assumida, quais sejam:

- Na venda do empreendimento imobiliário (terreno, casa), há oferta da “felicidade”. Mas, o que é a felicidade nessa relação?
- Que relação é estabelecida entre a venda do imóvel, a oferta da felicidade e a imagem do casal? Há links coesivos na proposta de tematização?
- A relação entre a venda imobiliária, a felicidade e o casal têm a ver com lugar-espaço-cidade? Que lugar é proposto?
- A “felicidade” aparece relacionada a um casal em outras práticas de linguagem? Qual/Quais? Quem forma o casal?

Por tais considerações, pela inferência inicial de sua tematização, pela necessidade de inferir sobre o encadeamento da tematização e devido à apresentação dessas questões iniciais é que podemos iniciar a leitura enunciativo-discursiva, considerando também a dimensão textual, para a interpretação de seu empreendimento enunciativo-discursivo. Em nosso caso, tal como já anunciamos anteriormente, realizamos uma leitura enunciativo-discursiva (em atitudes queer), entendida também sob uma “compreensão interativa”, conforme Antunes (2010). Então, visamos inferir acerca do propósito comunicativo e suas “consequências”, acerca do “querer-dizer-fazer-ser” e suas inscrições de “fantasias-normas”, nos termos discutidos por Albuquerque Jr. (2021b), Antunes (2010), Fabrício (2022) e Butler (2018), respectivamente.

Em continuidade, passamos a estranhar o gênero discurso, *outdoor*, e a esfera de comunicação, a esfera publicitária, para considerarmos a função dessa cena e sua produção de sentidos. Em diálogo com Mateus (2011), podemos depreender que o objetivo ideológico da publicidade é vender e, conseqüente, fazer “consumir” a cultura,

como um referencial de consenso, atuando na produção de subjetividades. Logo, não podemos ler um *outdoor* apenas por seus sentidos técnicos, quais sejam, o de que é anúncio ou um cartaz, multissemiótico, de ampla dimensão, exposto em vias urbanas e rodovias, para divulgar um produto, ou uma “mensagem” qualquer, conforme sinalizam as acepções ao termo em Costa (2010). Ou seja, aqui cabe dizer que não bastaria considerarmos apenas que se trata de um *outdoor*, na esfera publicitária, tomado como grande texto, disposto na cidade, com função de dar grande visibilidade ao seu objeto de discurso, o objeto tematizado. Inevitavelmente, é preciso que estranhemos suas consequências na vida sociopolítica da cidade. Reflexões de Preciado (2018) e de Butler (2018), mais adiante, podem ser relevantes para pensarmos os objetivos dessa esfera de comunicação.

Preciado (2018), ao discutir sobre “micropolíticas queer”, leva-nos a compreender que esse termo diz respeito à reação dos sujeitos considerados não válidos (incluindo pessoas em dissidência de gênero e sexualidade) às políticas de identidade no contexto anglo-saxão dos anos 1980 e 1990 (mais fortemente), em contestação às normas e aos seus efeitos disciplinadores, que hoje podemos denominar de “cis-heteronormativos”. Discute que esses sujeitos, que podem ser lidos como “quase todes nós” (parafraseando o autor), transformavam as ruas em espaços de luta contra os dispositivos de normalização dos corpos. Preciado (2019) inclui entre esses dispositivos de controle das subjetividades e das relações as “campanhas publicitárias”, que podem ser lidas, então, como estratégias de significação discursiva, cultural e política dos sujeitos, nos termos de Judith Butler. Logo, podemos pensar as campanhas publicitárias, os *outdoors*, como “bio-enunciados”, pois atuam para a produção da vida e ou da morte, “bio-necro-enunciados”, dados os seus efeitos disciplinadores. Há a proposição de efeitos normalizadores (cis-heteronormativos) na cena em leitura?

Essa discussão em Preciado (2018), mesmo com as críticas ao uso do termo “queer”, dado o seu processo de reificação e comercialização, possibilita-nos pensar que a “micropolítica queer”, seja lá no final do século XX ou hoje no século XXI, no contexto anglo-saxão ou nas bandas de cá, em terras brasileiras, ainda pode ser pensada, sentida e vivida como o “tráfico de signos” para a ressignificação dos códigos normativos, como estratégias de resistência, pois, conforme argumenta, “(...) é apenas por meio da reapropriação estratégica desses aparelhos biotecnológicos que se torna

possível inventar a resistência, arriscar uma revolução” (Preciado, 2018, p. 362), em referência ao que denomina de “império de bioinformações”. Para ele, “Também não quero dizer que não podemos usar o termo queer” (Preciado, 2018, 360).

Com esse outdoor em análise, estamos diante de um “aparelho” bio-enunciativo. Assim, assumirmos uma postura queer como um modo de estranhar, de fazer pensar o pensamento e produzir resistências ao controle dos corpos. Eis um sentido possível para postura queer, para não cairmos ou deixar cair no *slogan* “consume e morra”. Por isso, passamos a entender que esse gênero discursivo é um bio-enunciado, quando consideramos que os enunciados estão para os dispositivos de biotecnologias na produção de sujeitos-corpos. Ou seja, esse *outdoor* tem consequências para sujeitos-espacos. Nesse sentido, não podemos perder de vista que são usadas algumas insígnias que remetem ao sertão/Nordeste, provavelmente para recuperarem sentidos hegemônicos, na situação de venda.

Dada a proposta de venda publicizada no outdoor, estamos diante de um empreendimento imobiliário, enunciado como “o lugar perfeito para quem ama viver bem”, sujeito que está também aquele que compra uma conquista. Está localizado no centro de Delmiro Gouveia, Alagoas. Assim, somos levadas à arquitetura e urbanismo, para compreendermos que temos um loteamento, que é uma espécie de “zoneamento urbano”, um processo de revitalização urbana. A esse respeito, ao dialogarmos com Kern (2021), em uma Geografia feminista, precisamos considerar que as mudanças na paisagem física da cidade implicam em mudanças na paisagem social. Por isso, precisamos continuar estranhando e nos questionarmos: Qual a relação aí tematizada de sujeitos-cidade e ou de cidade-sujeitos? Ou seja, nesse projeto enunciativo-performativo quem é o sujeito mobilizado/construído, que *ama viver bem*? Está apenas para os casais jovens, brancos e cis-heterossexuais? E os demais sujeitos, os 99%, os “quase todes nós”?

Nos parâmetros de uma “leitura/análise discursiva queer”, em Santos Filho (2020), um aspecto a ser interrogado na leitura é ‘Que corpo é autorizado e qual é desautorizado?’, questionando-nos as vozes mobilizadas para dar sustentação à enunciação e ao projeto de tematização. Para essa leitura, desmontar o outdoor, sob orientações de uma “compreensão interativa”, em Antunes (2010), visa a compreensão e sua costura textual, como uma possibilidade de problematizarmos e construirmos

ilações que nos apontem para interpretações possíveis. Assim, passamos a considerar os nexos, os pontos de união, entre as partes textuais. Na leitura, é possível construir uma “conclusão” de que há nexos de equivalência entre partes do outdoor, produzindo a tematização aí empreendida. Podemos ler que a menção à “felicidade”, na sentença “Não se compra **felicidade**, mas se constrói” (em processo intertextual com o título em português, “A felicidade não se compra”, do filme americano “It’s a Wonderful Life”, de 1946), mantém correspondência com os semblantes nos rostos do jovem casal, branco e cis-heterossexual. Logo, temos como sentido a ideia de que felicidade diz respeito à relação cis-heterossexual, que está para o casamento cis-heterossexual.

A menção aos verbos **comprar** e **construir** é também relevante na leitura, pois se não se compra (mediante pagamento em dinheiro) o semblante feliz, tampouco a união cis-heterossexual, que proporciona a felicidade, porque essa felicidade pode ser construída, não em sentido de edificação de um imóvel, mas na possibilidade de “construção” de uma família cis-heterossexual, como um “investimento”, não necessariamente econômico, mas emocional e familiar. Assim, o outdoor anemiza os custos econômicos (inclusive com a oferta de não consulta ao Serasa e SPC) e aposta na venda do casamento (e do modelo de família) cis- como garantia de felicidade, como um capital de vida. Assim, o uso do verbo **investir** também não se deu de maneira gratuita. Ao mesmo tempo, esse casal é sertanejo, pois, é possível estabelecermos relação de equivalência ou de associação, a partir dos signos mobilizados na campanha, quais sejam, a paisagem de fundo, rasteira e seca, que pode fazer lembrar o imaginário hegemônico de paisagem sertaneja, bem como as cores escura e ocre, nas roupas do casal. Logo, devemos obrigatoriamente estranhar: Para quem é, então, o loteamento? Para quem é a cidade? Que noção e relação de cidade-sujeito é construída? Qual é então a noção de cidadania urbana sertaneja tematizada no *outdoor*.

Ao considerarmos uma postura queer, de desorientar sentidos e práticas estáveis (conforme Borba, 2020), devemos partir da ideia de que os enunciados se dão em perspectiva de fabricação e validação de um ponto de vista, também conforme Butler (2015). Por isso, outras questões são relevantes, necessárias: Há interdições físicas e subjetivas na enunciação? A cidade estaria, então, para o “patriarcado de concreto”? Nessa análise, havia inicialmente me questionado se em outras práticas discursivas essa relação felicidade-casal-casamento é mobilizada. Apenas para ilustrar, é possível

afirmar que sim, nas mais diversas esferas discursivas, tal como em uma reportagem da revista *Veja*, em 2010, de Marcelo Martine, intitulada de “Casamento – por que ele continua a valer a pena”, como podemos ler/ver na sequência, na Figura 5. Nesse texto jornalístico, o casamento cisheterossexual continua a valer a pena e é enunciado como uma imensa fonte de satisfação e felicidade. Estaria essa felicidade sob uma perspectiva hedonista, no sentido de um prazer-padrão, a ser alcançado, que não corresponderia ao bem-estar, que estaria relacionado à “saúde” sociocultural?

Figura 5 – *Outdoor* do Vila da Pedra focalizado.



Fonte: Vila da Pedra (2022).

Visando trazer respostas aos questionamentos propostos, as ideias de Butler (2015), ao discutir sobre fotografias na produção de guerras, podem nos ajudar a problematizar o enquadramento dos sujeitos tanto na cena do *outdoor* quanto nessa cena da reportagem anteriormente indicada. Para essa filósofa feminista *queer*, as fotografias de imprensa, na condição de retratação de sujeitos, funcionam como normas do que é ou não considerado humano, pois, para ela, o campo do visual é regulado, porque assume perspectivas. Ou seja, para Butler (2015), a fotografia põe em fabricação um ponto de vista, acerca do que está enquadrado ou do que ficou de fora. Nesses parâmetros, uma fotografia ao mesmo tempo mostra e descarta, atuando, portanto, na microfísica da produção ideológica.

Nos termos de van Leeuwen (2008), a comunicação visual nas mídias ocidentais está para um ato de significação, porque, para ele, os sentidos não estão em si nos “objetos” mostrados. Para esse pesquisador, é importante questionar os “tipos sociais”

de pessoas e as estratégias midiáticas para naturalizá-los. Nesses pressupostos, a reportagem da Veja, nessas páginas duplas e em sua fotografia de imprensa, possivelmente tematiza o casamento cis (e monogâmico) como pressuposto de validade para a “felicidade”, recuperando-o como uma prática tradicional, ao inclusive registrar o quadro em preto e branco de um casal também cis-heterossexual, na primeira página do texto jornalístico. O *outdoor* do “Vila da Pedra” parece mobilizar esses sentidos e os atualiza no processo de venda de lotes para o seu empreendimento imobiliário, um loteamento.

Nesse sentido, tal como discute Alves (2024), podemos pensar que o *outdoor* vende como consenso os sentidos de loteamento e cidade como um modelo urbano centrado no masculino e na família cis-heterossexual, na qual temos o homem, branco, cis-heterossexual, marido, pais e provedor, modelo no qual a mulher estaria para o lar, em um casamento monogâmico, para a reprodução sexual? Assim, se não estiver sob a tutela de um homem, as mulheres sofrem violências na cidade, porque seria um corpo não autorizado. O “Vila da Pedra” parece não ser para as mulheres, se não forem casadas, esposas, mães. Há uma tendência desse sentido em outros *outdoors* da mesma empresa, publicados em anos posteriores à cena analisada. Logo, pode haver para outros corpos, que não o masculino hegemônico, privações, tanto subjetivas, simbólicas, quanto físicas. Nesse aspecto, a cidade está para o “patriarcado de concreto” (Alves, 2024). Parecer estar também o loteamento. Dessa maneira, adquirir uma casa está para a construção de uma “casa unifamiliar” (Kern, 2010), em sentido conservador, atendendo a uma lógica urbana sertaneja na qual só há dois tipos de sujeitos em gênero e sexualidade, aqueles que estão para ditas normalidades cis-heterossexuais, como sendo os corpos políticos autorizados para o loteamento no centro da cidade. Para Kern (2021), ao discutir cidade e relações de gênero, argumenta:

(...) os ambientes urbanos são estruturados para apoiar formas familiares patriarcais, mercados de trabalho segregados por gênero e papéis tradicionais de gênero. E embora gostemos de acreditar que a sociedade evoluiu além dos limites estritos de coisas como os papéis de gênero, **as mulheres e outros grupos marginalizados continuam a ter suas vidas limitadas pelos tipos de normas sociais que foram construídas em nossas cidades** [negrito meu] (Kern, 2021, p. 23).

Dessa maneira, parecem ficar de fora como sujeitos autorizados ao loteamento “Vila da Pedra” as pessoas dissidentes em gênero e em sexualidade, assim como os

sujeitos racializados. No documentário “Todo mundo vai saber – documentário”, que discute a vida de homens dissidentes em uma pequena cidade no Brasil (Formosa, em Goiás), a homossexualidade é tomada como uma vergonha na pequena cidade, levando a todos que se declaram gay a pagar um preço muito alto, implicando em experiências de solidão. Sendo assim, a reurbanização delmireense, nessa peça publicitária, parece repetir esses sentidos, de que não há espaços para homens gays, bissexuais, lésbicas, homens e mulheres trans, travestis e pessoas não-binárias no espaço urbano sertanejo. O bem viver não pode estar para esses sujeitos? Não podem ser cidadãos e cidadãs urbano(a)s? O influencer gay diCastro (2022), em um vídeo divulgado nas redes se questiona “Como é ser lgbt no interior?”

Falando a partir de sua experiência como rapaz gay que viveu no interior de São Paulo, diCastro (2022) afirma que o interior para uma pessoa lgbt proporciona uma experiência muito específica, porque sua vida pode se tornar pauta, virar assunto, ou mais especificamente buchicho, cheio de preconceito, na “microssociedade” que é a cidadezinha. Para ele, um(a) lgbt precisa tomar muitos cuidados e ficar longe dos holofotes, o que implica em muitas privações. Conforme discute, não há espaço para uma criança viada, por exemplo. Tal como argumenta, a lgbtfobia é enorme na cidade grande, mas, é ainda pior no interior. Diz que há cidades em que um(a) lgbt não pode sair, porque pode ser morto(a). Nesses questionamentos, a fala de diCastro (2022) parece-nos bem oportuna, quando argumenta que “A lgbtfobia é uma realidade. E quão mais para dentro do Brasil, quão mais para o interior a gente vai, mais essa realidade se intensifica e fica pior”. E no interior sertanejo, no alto sertão de Alagoas? Se assim é, estaria a peça publicitária apagando possibilidades de cidadania urbana ao privilegiar o casal jovem, branco e cis-heterossexual como tipo de pessoa a comprar e a viver no loteamento à venda?

## CONSIDERAÇÕES

Por fim, para finalizarmos esta reflexão, é importante considerarmos que todo esse processo de estranhamento visa despedaçar o enunciado, desnaturalizando a tematização e todo o seu encadeamento. É importante, do mesmo modo, dizer que assim podemos, numa Geografia discursiva, construir um plano de pesquisa, singular, conforme nos orienta Signorini (1998), para não termos um projeto de pesquisa que se queira generalista, para a área, fechado, repetido. Entretanto, um questionamento se faz relevante, de modo a sustentar a pesquisa, qual seja, 'Que outras imaginações teórico-conceituais possibilitariam outras ideias socioculturais e socioespaciais que enfrentem, que rivalizem, com a imaginação colonial (que é predatória e que busca sempre a outrização), conforme Moita Lopes e Fabrício (2019)? Há contribuições (possíveis e necessárias) dessas pesquisas em Linguística Aplicada (em Geografia discursiva) para des-aprendizagens, cortes e (re)imaginações de outros sujeitos-sertões?

A provocação para uma LA para cortar é um chamado possível, para sempre estarmos atentos às escolhas teórico-metodológicas no nosso fazer pesquisas na área, bem como com as práticas discursivas sob análise, numa tentativa de secundarizarmos práticas de pesquisas mornas, porque não afetam e não ferem sensibilidades, já que estamos entendendo que aí podemos provocar mudanças, por mínimas que sejam, mesmo que seja ferir o pensamento. Na mesma linha argumentativa, este estudo é também um convite para, na perspectiva das viradas performativa e espacial, considerarmos que somos nós e os espaços invenções forjadas nos textos nos quais circulamos. Eis uma possibilidade de des-aprendizagem. Logo, realizar estudo em uma Geografia discursiva perpassa pela perspectiva de que investigamos a produção espacial, aqui sob atitudes cu-ir/queer, uma postura que perpassa pelos gestos de incomodar-se e não se acomodar diante de práticas que nos afetam porque visam controlar sentidos, para controlar espaços, sujeitos e suas vidas.

Dessa maneira, escancarar a tessitura dos fios ideológicos nas cenas enunciativas pode ser um modo de pensar por outras lógicas, além da perspectiva ocidentalista, porque é um procedimento que nos tira da condição de apenas compreender.



## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **Região e mistificação**: o Nordeste é resistência? Quem resiste no Nordeste? João Pessoa: Edições nº 1, 2020.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **Preconceito contra origem geográfica e de lugar – as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Edições MMM, 2012.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **Dropando mitos** – Des-homogeneizando o Nordeste. Youtube, 2021b. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gCkRIIWIGSc&t=913s>. Acesso em: 30 setembro 2024.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Uma noite aos arrepios: reflexões em torno da história das sensibilidades. In. Claudia Priori, Cleusa Gomes da Silva e Georgine Carabely Heil Vázquez. **Perspectivas transculturais e transnacionais de gênero**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018, p. 49-74.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. O saber é feito para cortar: Michel Foucault e a historiografia. Caio Souto – Conversações filosóficas. 2021. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=rQ3NrUoZGA8&t=2385s> >. Acesso em: 30 setembro 2024.

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ALVES, Mércia. Fontes e veredas: Mulheres e direito à cidade: uma reflexão feminista sobre a vida urbana (parte 1). Youtube, Canal SOS CORPO Instituto Feminista para a democracia. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fBkFFIYIU4>. Acesso em: 30 setembro 2024.

ALVES, Mércia. Fontes e veredas: Mulheres e direito à cidade: uma reflexão feminista sobre a vida urbana (parte 1). Youtube, Canal SOS CORPO Instituto Feminista para a democracia. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=X52cZoOmAel>. Acesso em: 30 setembro 2024.

BENTO, Berenice. **Brasil, ano zero**: estado, gênero, violência. Salvador: EDUFBA, 2021.

BRAIT, Beth. Nota prévia. In. FABRÍCIO, Branca Falabella; BORBA, Rodrigo (Orgs.). **Oficina de Linguística Aplicada Indisciplinar** – homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2023, p. 09-10.

BUTLER, Judith. A libertação pelo gênero. Ilustrada Ilustradissima. **Folha de São Paulo**, domingo, p. C4-C5, 21 de abril de 2024.

BUTLER, Judith. Política de gênero e o direito de aparecer. In. Judith Butler. **Corpos em aliança e a política das ruas – notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 31-74.

BUTLER, Judith. Tortura e a ética da fotografia: pensando com Sontag. In. Judith Butler. **Quadro de guerras – quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015, p. 99-149.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

diCastro, Victor. Como ser um lgbt no interior? Youtube, Canal Victor diCastro, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=nfxpUpq5YSY> . Acesso em: 30 de nov., 2024.

FABRICIO, B. F. Nosso ser-assim é uma atividade (prefácio). In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da [et. al.] (Orgs.). **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar: gênero, sexualidade, raça e classe social**. São Paulo: Parábola, 2022, p. 11-14.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In. Michel Foucault. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 15-37.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras – cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir – a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

KERN, Leslie. **Cidade feminista – a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

KERN, Leslie. **Sex and the revitalized city – gender, condominium development, and urban citizenship**. Vancouver, UBC Press, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. O “estranhamento” queer. Estudos feministas, jan./jun., 2007. Disponível em <https://www.labrys.net.br/labrys11/libre/guacira.htm>. Acesso em: 30 de nov., 2024.

MARTHE, Marcelo. Casamento – por que ele continua a valer a pena. **Veja**, edição 2.179, ano 43, nº 34, p. 98-105, 25 de ago./2010.

MATEUS, Samuel. **Publicidade e consumo nas sociedades contemporâneas**. LabCom Books, 2011.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo - SP, Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da; FABRICIO, Branca Falabella. Por uma ‘proximidade crítica’ nos estudos em Linguística Aplicada. **Calidoscópico**, 17(4), p. 711–723, 2019. Disponível em: <

<https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2019.174.03>>.

Acesso em: 11 agosto 2024.

PENNYCOOK, Alastair. A linguística aplicada nos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In. Inês Signorini e Marilda Cavalcanti (Orgs.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998, p. 23-49.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. In. Luiz Paulo da Moita Lopes (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 67-84.

PRECIADO, Paul B. Micropolíticas de gênero na era farmacopornográfica: experimentação, intoxicação voluntária, mutação. In. Paul B. Preciado. **Testo Junkie – sexo, drogas e biopolíticas na era farmacopornográfica**. n-1 edições, 2018, p. 351-415.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. **Linguística Queer**. Recife: Pipa Comunicação, 2020.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. O que é uma leitura enunciativo-discursiva? In. SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. **Do dialogismo bakhtiniano: interdiscurso e intertextualidade**. Arapiraca: Uneal, 2012, p. 32-38.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. “O saber é feito para cortar: Michel Foucault e a historiografia” [Notas para uma linguística aplicada antidisciplinar (crítico-transgressiva)]. In. Ivanio Folmer e Adilson Tadeu Basquerote (Orgs.). **Educação e Ensino: entre experiências e perspectivas**. Santa Maria: Arco Editores, 2023, p. 180-211.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos; ROCHA, Sonia da. “Cidade” como objeto de ensino e de aprendizagem em livro didático [e questões para uma geografia discursiva da cidade]. In. Luciano Mendes Saraiva; Wilder Kleber Fernandes de Santana (Orgs.). **Educação e os múltiplos sentidos da linguagem**. Vol 3. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024, p. 295-327.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos; SANTOS, Hugo Pedro Silva dos. Por uma geografia discursiva em Linguística Aplicada – sertão/Nordeste em textos do cotidiano. In. Elizangela Araujo dos Santos; Damião Francisco Boucher; Thiago Barbosa Soares. **Espacialidades Sociais: Construções em (Dis)curso**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2024.

SIGNORINI, Inês e CAVALCANTI, Marilda (Org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade** - questões e perspectivas. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998.

SUDJIC, Deyan. What is a city. In. Deyan Sudjic. **The Language of Cities**. UK: Penguin Books, 2017.

van LEEUWEN, Teun. Discourse and practices: new tools for critical discourse analysis. New York: Oxford Press University Press, 2008.

VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem** – problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2018.

### **Ismar Inácio dos SANTOS FILHO**

Doutor em Letras-Linguística (PPGL-UFPE) e Mestre em Estudos em Linguagem (MeEL-UFMT). Professor Adjunto no Curso de Letras-Língua Portuguesa (Campus do Sertão) e Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL-FALE), na Universidade Federal de Alagoas. Coordenador-Líder do Grupo de Estudos em Linguística Aplicada/Queer em Questões do Sertão Alagoano (GELASAL), no qual se interessa pelas interfaces *linguagem e território* e *linguagem e gênero e sexualidade*. E-mail: [ismarinacio@yahoo.com.br](mailto:ismarinacio@yahoo.com.br).